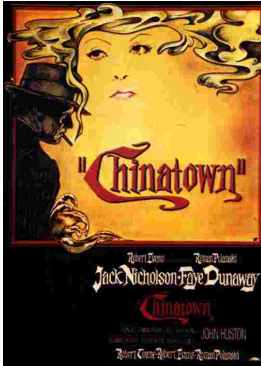


FILM NOIR | em Agosto

Auditório Costa da Caparica



24 Agosto, 21:30

CHINATOWN

de Roman Polanski, c/ Jack Nicholson, Faye Dunaway e John Huston

Technicolor, 125', Paramount, EUA, 1974

Polanski é, seguramente, uma das figuras mais mediáticas do cinema. Mas nem sempre pelas melhores razões. Em 1969, um ano depois de ter alcançado o seu primeiro sucesso americano com *Rosemary's Baby* (A Semente do Diabo), a sua mulher Sharon Tate é assassinada, grávida, pela célebre Família Manson. Voltou para França e só regressaria, contrariado, para filmar este *Chinatown*. Quando parecia que a sua carreira americana ia novamente de vento em popa, em 1977 é acusado de abuso de uma menor e tem que sair novamente dos EUA, desta vez para não ser preso. E ainda hoje essa maldição o persegue, como bem se prova pela detenção na Suíça em 2009 quando, inadvertidamente, aceitou o convite para ir receber um prémio.

Talvez por uma compreensível relação emocional, também ele um judeu polaco sobrevivente do Holocausto, para Polanski *O Pianista* (2002) é o seu preferido. Porém, a generalidade do público e da crítica considera que, ao longo de 50 anos com muitos altos e baixos, este *Chinatown* é o seu melhor e mais influente filme. Embora de início Polanski não o quisesse fazer, e ainda menos ter que filmar em Los Angeles, onde a acção tem lugar no ano de 1937, *Chinatown* acabou por se tornar a principal referência daquilo que hoje se designa de neo noir. Desde o belo géneroico rétro, passando pelo insinuante solo de trompeta da banda sonora de Jerry Goldsmith, acabando no espantoso trabalho da já consagrada Faye Dunaway e do então emergente Jack Nicholson, tudo bate certo. Mas o melhor de tudo é o argumento de Robert Towne, uma história nada linear à Chandler, onde uma tragédia familiar incestuosa se mistura com a especulação imobiliária e a corrupção política. Razão talvez pela qual, das onze nomeações para os óscares, Hollywood tivesse acabado por lhe atribuir apenas o do Melhor Argumento Original.

Towne tinha imaginado fazer uma trilogia sobre a saga do crescimento desbragado da metrópole do cinema. Como Polanski não estava interessado, em 1990 Jack Nicholson reencarnou o detective J.J. Gittes e dirigiu-se a si próprio na seqüela falhada que foi *The Two Jakes* (O Caso da Mulher Infiel), afinal o quarto e último falhanço de Nicholson como realizador.

No argumento original nada se passava em *Chinatown* e o título, segundo Towne, era apenas uma metáfora sobre "a futilidade das boas intenções". Polanski decidiu que isso não fazia sentido e fez questão de filmar a última cena naquele bairro de LA. Um final infeliz que, contra todas as regras da indústria, não beliscou minimamente as receitas de bilheteira. Mas que ajudou a garantir a intemporalidade deste espantoso filme.

Produção: Nuno Bernardo e José Xavier Ezequiel,
OUTROS OLHARES Associação Cultural
Design: João Fernandes

associação
Gandaia
Costa da Caparica

